

## A INSERÇÃO DA AVICULTURA NAS TRANSFORMAÇÕES DO SETOR AGROPECUÁRIO BRASILEIRO E SUL RIO-GRANDENSE<sup>1</sup>

**Mateus Pessetti**

Graduação em Geografia - Licenciatura – UPF; Mestrado em Geografia – UFSM  
Doutor em Geografia – UFSM; Professor na rede pública e privada de Passo Fundo, RS  
E-mail: mateuspessetti84@gmail.com

**Eduardo Schiavone Cardoso**

Graduação em Geografia - Bacharelado e Licenciatura – USP; Mestrado em Geografia Humana e Doutorado em  
Geografia Física – USP  
Professor Titular da UFSM  
E-mail: educard2016@gmail.com

### RESUMO

Este texto busca realizar uma reflexão a respeito da inserção da avicultura nas transformações do setor agropecuário brasileiro e sul rio-grandense. O trabalho parte do pressuposto de que a avicultura se configura em uma importante atividade econômica do setor primário, estando entre as principais pautas de exportação do Brasil e, sobretudo, do Estado do Rio Grande do Sul. Para tal, realizou-se a revisão bibliográfica baseada em autores que estudam questões relacionadas à modernização da agricultura e o desenvolvimento da avicultura industrial no Brasil. Também foram coletados dados secundários relacionados às exportações, importações, número de cabeças por região e unidade federativa. Posteriormente, as informações foram organizadas em tabelas e gráficos, possibilitando a análise. Justifica-se que a escolha em enfatizar a atuação da avicultura no Rio Grande do Sul deve-se ao fato de que a unidade federativa em questão tem papel fundamental na dinâmica do setor avícola nacional, bem como sendo uma das pioneiras no desenvolvimento do modelo produtivo vinculado às grandes empresas. O estudo permite entender as principais transformações socioeconômicas e espaciais em vigência desde o processo de modernização do setor agropecuário brasileiro.

66

**PALAVRAS-CHAVE:** Avicultura; Setor agropecuário; Modernização da Agropecuária; Rio Grande do Sul.

### THE INCORPORATION OF POULTRY PRODUCTION INTO THE TRANSFORMATIONS OF THE AGRICULTURAL SECTOR IN BRAZIL AND RIO GRANDE DO SUL

#### ABSTRACT

This paper seeks to analyze the integration of poultry farming into the broader transformations of the Brazilian and southern Rio Grande do Sul agricultural sectors. It is grounded in the premise that poultry farming constitutes a significant economic activity within the primary sector, ranking among Brazil's leading export commodities—particularly in the state of Rio Grande do Sul. The study adopts a bibliographic review methodology, drawing upon scholarly works that address themes related to the modernization of agriculture and the development of industrial poultry farming in Brazil. Additionally, secondary data were gathered concerning exports, imports, and the number of poultry by region and federative unit. These data were subsequently systematized into tables and graphs to

<sup>1</sup> Este texto constitui-se em um fragmento do projeto de pesquisa de Doutorado que se encontra em desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria.

support the analytical process. The choice to emphasize the role of poultry farming in Rio Grande do Sul is justified by the state's pivotal role in shaping the national poultry sector, as well as its pioneering position in the development of a production model aligned with large agribusinesses. The study contributes to a deeper understanding of the socio-economic and spatial transformations that have taken place since the onset of agricultural modernization in Brazil.

**KEYWORDS:** Poultry farming; Agricultural sector; Agricultural modernization; Rio Grande do Sul.

## INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo realizar uma reflexão acerca da inserção da avicultura industrial no setor agropecuário brasileiro e rio-grandense, mediada pela modernização da agricultura. Desta forma, parte-se do pressuposto de que o atual modelo de produção avícola é resultado das transformações socioeconômicas e espaciais ocorridas a partir da segunda metade do século XX em países em desenvolvimento<sup>2</sup>, a exemplo do Brasil. A escala temporal utilizada para o estudo inicia-se a partir da década de 1960, considerando que é neste período que a avicultura industrial inicia sua expansão e consolidação na economia nacional.

Para estruturação do texto, realizou-se a revisão bibliográfica baseada em autores que estudam questões relacionadas à modernização da agricultura e o desenvolvimento da avicultura industrial no Brasil. Também foram coletados dados secundários relacionados às exportações, importações, número de cabeças por região e unidade federativa. Posteriormente, as informações foram organizadas em tabelas e gráficos, possibilitando a análise.

Justifica-se que a escolha em enfatizar a atuação da avicultura no Rio Grande do Sul deve-se ao fato de que a unidade federativa em questão tem papel fundamental na dinâmica do setor avícola nacional, bem como sendo uma das pioneiras no desenvolvimento do modelo produtivo vinculado às grandes empresas. De modo geral, foram os estados sulinos que contribuíram para a consolidação da avicultura em sistema de integração.

É mister destacar que a modernização da agricultura que se sucedeu ao longo da segunda metade do século XX é fruto de mudanças econômicas ocorridas em escala global. A este respeito, Kozenieski (2016) salienta que o contexto de mudanças no século XX é marcado, sobretudo, pela internacionalização das economias, principalmente através da disseminação das multinacionais ao longo do espaço geográfico mundial. Segundo o autor, “a mundialização do capital nesses moldes

---

<sup>2</sup> Por países em desenvolvimento, entende-se àqueles que tiveram seu processo de industrialização de forma tardia, sobretudo a partir da segunda metade do século XX.

promove em nível global a integração de capitais e bolsas de valores, resultados de uma série de ações e medidas dos estados em prol do neoliberalismo” (Kozenieski, 2016, p. 173).

Em Graziano da Silva (1981, p. 27) a modernização da agricultura é definida como “o processo de transformação capitalista da agricultura, que ocorre vinculado às transformações gerais da economia brasileira recente”. Salienta-se que o Estado teve papel fundamental para a disseminação do modelo econômico em debate, desenvolvendo políticas voltadas exclusivamente ao binômio produção e produtividade, desconsiderando questões sociais e históricas que caracterizam o espaço agrário brasileiro (Matos; Pessôa, 2011).

Sobre o tema, Matos e Marafon (2019, p. 333-334) reforçam que

Ao invés de ser uma política que efetivamente consolidasse o desenvolvimento rural, essa política foi promotora de desigualdades devido ao seu caráter seletivo, por se concentrar principalmente nas regiões Sul e Sudeste e direcionada aos médios e grandes produtores (Matos; Marafon, 2019).

Diante do cenário de empobrecimento dos pequenos agricultores, associado à necessidade de aumentar a produção de alimentos devido aos impactos ocasionados pela Segunda Guerra Mundial, se consolidou o discurso favorável à modernização da agricultura que viria por meio da chamada Revolução Verde. Inicialmente, com impactos diretos nas culturas agrícolas e na sequência com sua introdução nos rebanhos e criatórios.

Reforça-se que o discurso político era desenvolvimentista e de caráter exclusivamente econômico, em que se usava o aumento da produtividade como condição para o alcance do pleno desenvolvimento rural. Sabe-se que na prática o processo reforçou problemas que já assombravam o campo brasileiro desde o período colonial, como a concentração fundiária e a desigualdade social entre pequenos e grandes produtores.

O modelo de produção agropecuária que se desenvolveu, principalmente, a partir da década de 1970, tem como principal característica a aproximação com o setor industrial, o qual potencializou o aumento da produtividade através da mecanização, bem como pelo incremento tecnológico. É válido destacar que este processo teve nas grandes empresas internacionais, com sedes em países desenvolvidos, os seus financiadores (Souto, 2022).

Considerando as breves considerações tecidas a respeito da modernização do setor agropecuário brasileiro, parte-se para o entendimento da inserção da avicultura neste processo. Para tanto, buscou-se realizar um resgate geo-histórico que considerou as mudanças produtivas ocorridas no setor na medida em que houve a consolidação e expansão da modernização da agropecuária no espaço agrário brasileiro.

## A INSERÇÃO DA AVICULTURA NAS TRANSFORMAÇÕES DO SETOR AGROPECUÁRIO

Salienta-se que nossa escala temporal de análise se inicia a partir da década de 1960, quando a agricultura de modo global se insere nos processos de apropriação do capitalismo contemporâneo<sup>3</sup>. Desta forma, deve-se considerar que até meados dos anos 1950, a avicultura era desenvolvida em moldes tradicionais em pequenos estabelecimentos rurais.

Até a década de 1960, a finalidade da produção, de acordo com Correia (2020), era o autoconsumo familiar e a comercialização local do excedente. Seu consumo estava reservado a datas especiais, como festividades e finais de semana, já que a disponibilidade da carne era baixa e seu custo elevado.

Pela inexistência da industrialização no setor, ou seja, em função da não participação de grupos empresariais nacionais ou internacionais, as articulações espaciais ocorriam em escala local e regional, ao máximo, expandindo-se para centros urbanos próximos, onde o excedente da produção era comercializado. Este modelo produtivo viu-se esgotado em decorrência de diversos fatores, destacando-se: a exaustão do solo devido ao seu uso intensivo, a diminuição do tamanho dos estabelecimentos rurais em decorrência de heranças, bem como os baixos preços que os produtos eram vendidos (Brum, 1988).

Portanto, a estrutura produtiva da avicultura brasileira que se reorganizou a partir do final da década de 1960 e início da de 1970 representa a superação do modelo produtivo mencionado nos parágrafos anteriores. A industrialização da produção de frangos anulou a capacidade produtiva dos avicultores tradicionais, os quais foram paulatinamente excluídos em função da não aquisição tecnológica proposta pela Revolução Verde.

Oliveira (2010) ao analisar a relação entre agricultura e indústria no Brasil, destaca que a avicultura é, sem dúvidas, o setor da pecuária onde as transformações produtivas foram mais avassaladoras, tanto nos aspectos tecnológicos, bem como nas relações que se estabeleceram entre as grandes empresas para com os avicultores, os quais passaram a estar subordinados ao capital avícola.

A reestruturação produtiva da avicultura ocorre a partir da inserção dos processos decorrentes dos pacotes tecnológicos da Revolução Verde, ou seja, por meio da modernização e industrialização do setor agropecuário. Mas não só, além de fatores de ordem tecnológica, as mudanças nos hábitos alimentares da população brasileira e mundial, impulsionaram o setor desde então. De acordo com

---

<sup>3</sup> A entrada de capital estrangeiro, financeirização e as políticas de abertura da economia nacional são características do novo capitalismo que se apropria na economia brasileira a partir da segunda metade do século XX.

Correia (2020), houve uma ampliação pela demanda dos frangos devido ao aumento do preço da carne bovina, fenômeno potencializado pela Segunda Guerra Mundial.

Dados referentes ao consumo de carne de frango das últimas três décadas do século XX permitem verificar o crescimento substancial da participação do setor avícola na dinâmica econômica mundial. Espíndola (2002) salienta que o consumo da carne em território brasileiro apresentou um crescimento superior a 500% neste período, o que demonstra as mudanças radicais no consumo de carne pela população brasileira. O consumo per capita no Brasil era de 2,3 kg em 1970, chegando a 29,2 kg em 1996. Assim, a associação entre políticas de favorecimento à industrialização da agropecuária e as mudanças no consumo de alimentos tornaram-se fatores que impulsionaram a expansão dos frigoríficos abatedouros da carne de frango (Espíndola, 2002).

O crescimento no consumo da carne de frango não ocorreu apenas nas décadas que marcam a inserção do setor na indústria, pelo contrário, vem se mostrando de forma contínua. Os dados disponíveis na plataforma da ABPA - Associação Brasileira de Proteína Animal (2022) demonstram que o crescimento dos anos 2000 para 2022 foi de quase 50%. O consumo no ano de 2000 se aproximava dos 30 kg/hab enquanto atualmente, os números ultrapassam os 45 kg/hab.

Para Rizzi (1993), a década de 1970 representa o início na aproximação da indústria com a produção de frangos no Brasil, pois é neste período em que ocorre a expansão e implantação de empresas vinculadas ao abate da carne. De acordo com o autor, o Brasil detinha nesta década um total de 80 abatedouros, dos quais 13 estavam instalados no Rio Grande do Sul.

A expansão da avicultura no Rio Grande do Sul iniciou, em sua grande parte, na metade norte do Estado, onde a estrutura fundiária era menos concentrada, predominantemente organizada por pequenas e médias propriedades. É importante destacar que a predominância de pequenas propriedades na região mencionada deve-se à intensa fragmentação de terras ocasionada pela imigração europeia, sobretudo italiana. Tal característica, associada à disponibilidade de matéria-prima para a alimentação dos criatórios, contribuiu para o desenvolvimento da avicultura.

De modo geral, São Paulo e a Região Sul foram as áreas precursoras no desenvolvimento do modelo de avicultura predominantemente na atualidade. Diversos fatores contribuíram, um deles é a expansão da lavoura empresarial da soja que, além de estar vinculada à exportação, passou a ser utilizada na produção do farelo como ração para os frangos (Rizzi, 1993).

É no mesmo período de crescimento da avicultura industrial (década de 1970) que a produção de soja no Brasil cresce substancialmente, especialmente na Região Sul. Além da oleaginosa, a disponibilidade da milhocultura em larga escala, também contribuiu, pois, assim como a soja, o milho

também tem seu uso vinculado a alimentação avícola. Conforme identificado em investigações anteriores, o Rio Grande do Sul apresentou entre as décadas de 1960 e 1970 elevados índices de produção no milho, sobretudo em municípios localizados na região serrana (Pessetti, 2021).

Assim, a avicultura industrial encontrava na estrutura produtiva local/regional os fatores necessários para sua consolidação. A partir de então, a expansão da avicultura passou a estar associada a outros dois importantes circuitos produtivos nacionais, a soja e o milho.

A utilização das rações provenientes da soja e do milho permitiu impulsionar o processo de “conversão de proteína vegetal em proteína animal”, conforme mencionado por Mazzali (2000, p. 65). O intervalo de tempo entre a engorda e o abate reduziu paulatinamente, possibilitando o aumento da produção e, por consequência, da comercialização.

Segundo a ABPA (2022), na fase anterior à industrialização da produção de frangos, as aves necessitavam de aproximadamente 100 dias para o abate. Neste mesmo processo, cerca de 3,5 kg de ração era necessário para um ganho de peso aproximado em 1 kg. Atualmente, o ciclo produtivo é de 40 dias com um consumo de ração de 1,6 kg para cada 1 kg acrescido em seu peso (ABPA, 2022).

Por meio das informações quantitativas, pôde-se identificar uma redução aproximada de 50% no tempo de produção assim como na quantidade da ração utilizada para engorda. A redução do tempo e consumo de ração não ocorreram de forma isolada. Este processo está vinculado às pesquisas no setor de melhoramento genético, as quais passaram a integrar os pacotes da Revolução Verde e, por consequência, na modernização do setor agropecuário.

Rizzi (1993) reforça que as pesquisas sobre o melhoramento genético tiveram seu início nos EUA, em que se buscava a criação de aves com maior rendimento em peso (kg), simultaneamente a redução do consumo de ração pelos criatórios. É importante destacar que o modelo produtivo em vigência, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, era o Fordista, logo, inovações de ordem mecânica também foram desenvolvidas, com o objetivo de tornar os processos rápidos e cada vez mais competitivos do ponto de vista da produção. A produção em massa e em sequência, características do modo de produção do período, contribuíram para o desenvolvimento da avicultura industrial, visto que a demanda pela produção e comercialização dos frangos passou a crescer substancialmente.

Misuzaki (2007) afirma que o circuito produtivo da avicultura se organiza a partir da participação de atividades diretas e indiretas. Das atividades indiretas, podemos mencionar a produção da ração proveniente do milho e da soja, matéria-prima indispensável para o encadearamento

do circuito produtivo. Àquelas diretamente ligadas ao processamento da carne avícola, destacamos a articulação produtiva estabelecida entre empresa e produtor, por meio da integração.

A incorporação da indústria na produção avícola é marcada pelo sistema de integração, o qual o avicultor encontra-se subordinado às empresas que realizam o abate e processamento da carne. Neste sistema, segundo Voilá e Triches (2013, p. 8) “as empresas firmam contratos com pequenos agricultores que, em regime de parceria recebiam assistência técnica, pintinhos, ração e alguns até financiamento para construção das instalações de aviários”.

Reforçando o exposto, Belusso (2010) salienta que é por meio do sistema de integração, associado às revoluções tecnológicas e genéticas, que a avicultura amplia seus ganhos na produtividade e, sobretudo, reduz os custos da produção. Este modelo produtivo permitiu a ampliação da margem de lucro das empresas que se integram horizontalmente com os avicultores, ou seja, aumentando a reprodução do capital por meio da subordinação dos produtores.

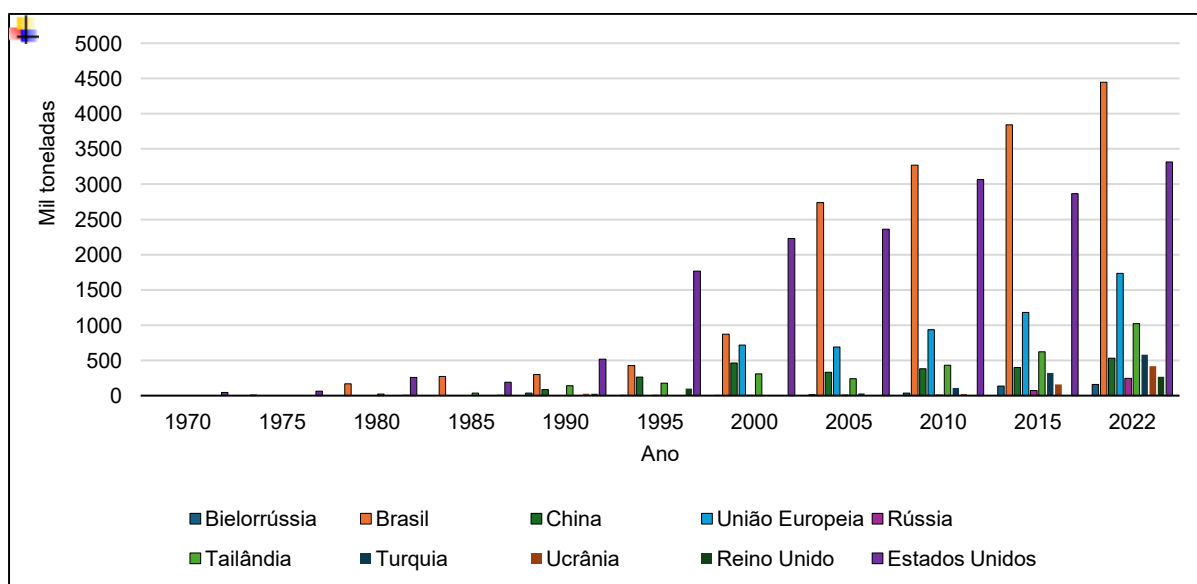
A dinâmica produtiva e a relação para com as exportações da carne de frango sofreram mudanças ao longo das décadas seguintes a de 1970. A partir de Mazzali (2000) é possível perceber que entre 1970 e 1980 a produção industrial dos frangos estava vinculada às demandas nacionais, sobretudo devido à mudança dos hábitos alimentares, conforme mencionado anteriormente. Assim, neste período as exportações do setor avícola ainda apresentavam uma baixa participação.

72

Ao analisarmos os dados referentes às exportações do setor, é possível perceber que até o início da década de 1990 os números eram pouco expressivos, confirmando o exposto por Mazzali (2000). Os dados demonstram que até o período em questão a centralidade da produção estava vinculada a demandas internas dos países produtores.

É a partir da década de 1970 que a urbanização se acelera, sobretudo em países em desenvolvimento, como o Brasil. A necessidade por alimentos rápidos e pré-preparados impulsionou a demanda interna pelo consumo da carne de frango, fato que justifica a pequena participação das exportações do circuito produtivo avícola até então. A realidade global apresentada pelos que hoje são considerados os maiores exportadores na avicultura mundial não era diferente. Com exceção dos EUA que já em 1970 apresentava um montante de 43 mil toneladas de carne de frango exportada, os demais apresentavam quantitativos zerados. Conforme o gráfico 1, a maior participação das exportações no circuito produtivo da avicultura se dá a partir da segunda metade da década de 1990 (Gráfico 1).

**Gráfico 1** – Maiores exportadores no setor avícola mundial (mil ton), 1970 a 2022



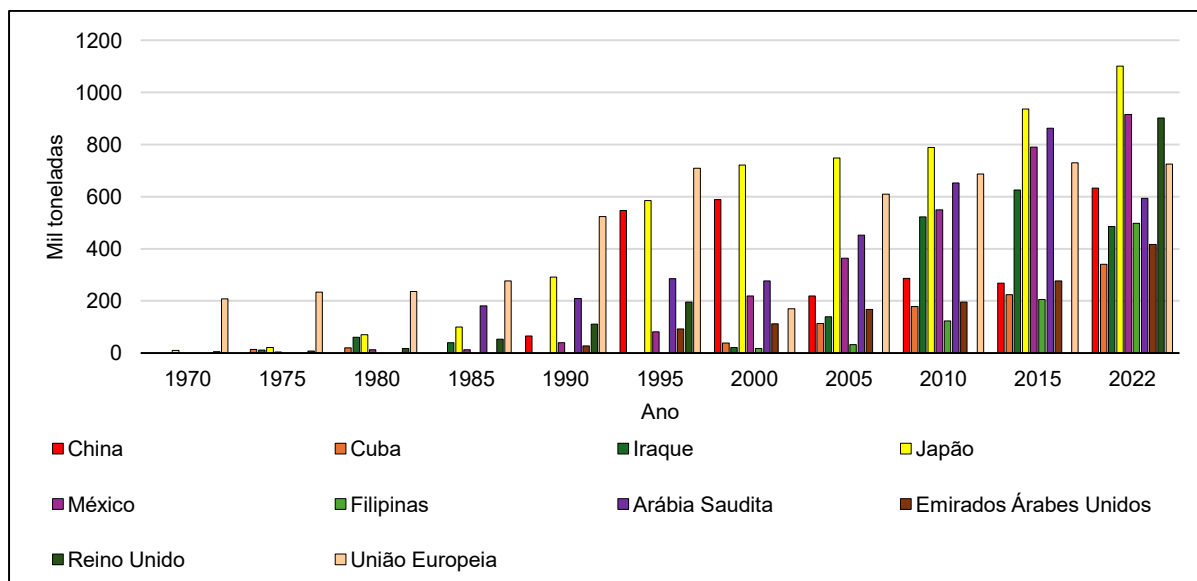
Fonte: USDA (2024).  
Org.: Pessetti, M (2024).

Observando o Gráfico 1, é possível perceber que a década de 1990 representa o crescimento substancial das exportações. Para entender o fenômeno é necessário considerarmos que nos anos 1990 o setor agropecuário brasileiro encontrava-se plenamente inserido dentro do processo que Oliveira (2016) denomina de mundialização da agricultura, fenômeno impulsionado pela globalização. Desde então, o setor passa a estar subordinado às lógicas econômicas do capitalismo contemporâneo.

Assim, a década de 1990 é caracterizada por mudanças nas políticas do setor agropecuário brasileiro, em que se teve um Estado menos presente, aberto ao neoliberalismo e ao mercado internacional. Neste contexto, diante do aparecimento de mercados consumidores que passaram por mudanças alimentares, o Brasil teve nas exportações da carne de frango o vetor que veio a tornar a avicultura uma das principais pautas das nossas exportações. Entre os principais destinos das exportações, destaca-se o Japão e o Extremo Oriente (Mazzali, 2000).

Ao sobrepormos os gráficos 1 e 2, é possível identificar que o crescimento das exportações apresentado no Gráfico 1 é simultâneo aos elevados números de importação do Gráfico 2. Tais informações nos permitem afirmar que o período marca a reorganização das relações comerciais e produtivas no circuito espacial da avicultura, no qual, agora, tem-se um setor com maior potência nas exportações.

**Gráfico 2** – Principais países/regiões na importação da avicultura (mil toneladas), 1970 a 2022



Fonte: USDA (2024).  
Org.: Pessetti, M (2024).

Além do contexto econômico apresentado pela década de 1990, as novas relações geopolíticas que emergem na Nova Ordem Mundial, potencializaram o crescimento das relações a partir da consolidação de alianças políticas e comerciais por meio dos Blocos Econômicos. É neste contexto que surgem, por exemplo, o Mercosul, União Europeia, NAFTA, entre outros.

É possível entender a evolução da avicultura na economia brasileira em dois momentos. O primeiro deles, datado entre 1970 e 1980, que caracterizou-se pela superação do modelo produtivo tradicional da avicultura, sendo marcado pela aproximação com a indústria via Revolução Verde, bem como, pelo aumento no consumo interno da carne de frango no Brasil. Diante das mudanças ocorridas no cenário econômico e político em escala global, a década de 1990 marca o início de um segundo momento para o setor, caracterizado por mudanças nas relações empresariais e administrativas, sobretudo, através da expansão do capitalismo monopolista, o qual é responsável pela atuação cada vez mais presente das multinacionais, não só na avicultura, mas em diferentes setores da economia nacional.

Os Estados Unidos aparecem, num primeiro momento, como único e maior centro econômico, político e militar do mundo, representando assim, a consolidação do sistema econômico capitalista. Para potencializar a expansão do capital, os Estados Nacionais passam a adotar políticas cada vez mais alinhadas ao Neoliberalismo, potencializando a difusão do capitalismo monopolista, conforme destacado por Oliveira (2012).

É neste contexto de mundialização do capital que a avicultura entra em uma segunda fase, marcada por novas alianças empresariais entre multinacionais, as quais vão aproximar as relações de dependência entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Desenha-se, assim, uma Divisão Internacional do Trabalho baseada no encadeamento de circuitos produtivos espaciais ligados a multinacionais, ou seja, em empresas que vão buscar por meio de filiais espalhadas por diversos países do mundo a reprodução do capital.

Correia (2020, p. 48) salienta que a forte atuação das multinacionais não acontece de maneira isolada do Estado, pelo contrário, este, viabilizará a participação dos grandes grupos empresariais nas economias nacionais. A autora reforça que

As empresas multinacionais precisam do Estado para entrarem em um processo de mundialização, enquanto os Estados nacionais precisam delas para se manterem enquanto tais. Foi assim que houve uma união dialética entre o mercado dos países industrializados com os mercados dos países menos industrializados. Isso significa que o capitalismo monopolista não está centrado apenas nos países desenvolvidos, ele acompanha a dinâmica espacial das empresas multinacionais (Correia, 2020, p. 48).

Um dos principais desdobramentos da presença das multinacionais, sobretudo a partir da década de 1990, refere-se à difusão geográfica da avicultura em território nacional, conforme destacado por Correia (2020). As décadas de 1970 e 1980 que representam o início e expansão da avicultura industrial tiveram como principais estados brasileiros São Paulo e a Região Sul. Conforme já destacado anteriormente, os estados sulinos dispunham de fatores produtivos, como a disponibilidade de matéria-prima para a elaboração das rações, o que contribuiu para a consolidação do setor avícola nestas áreas.

Em consonância com Belusso (2011) destaca-se que empresas do setor, a exemplo da Sadia, Perdigão e Seara redirecionaram seus investimentos na década de 1990, não abandonando a Região Sul e São Paulo, mas sim buscando o aumento da produção. A expansão das unidades empresariais e do sistema de integração de produção foi potencializada através do Banco Nacional de Desenvolvimento, que ofertou empréstimos com baixa taxa de juros.

Ao observarmos o quantitativo de cabeças por região, é possível perceber o crescimento da produção em todo território nacional, especialmente durante a década de 1990. Nos primeiros anos em que a avicultura se aproximou da indústria, os maiores efetivos encontravam-se na região Sudeste, tendo o Estado de São Paulo como principal centro e na Região Sul, onde os três estados sulinos caminhavam para a consolidação do setor na região (Tabela 1).

De modo geral, a avicultura industrial esteve concentrada no Sudeste e Sul do território brasileiro durante as décadas de 1970 e 1980. Nas demais regiões, embora o crescimento fosse

contínuo, não se mostrava tão significativo quanto nos estados do sudeste e sul. Entre 1975 e 1985 o aumento no número de cabeças nos estados sulinos foi superior a 100%, visto que em 1975 a região possuía mais de 92 milhões de cabeças e em 1985 os números ultrapassaram os 181 milhões. Já no Sudeste, houve um acréscimo de 27% nos criatórios regionais, onde havia-se em 1975 aproximadamente 129 milhões de cabeças, passando para 165 milhões em 1985. Os números demonstram, também, a superação de São Paulo no cenário nacional (Tabela 1).

Ao considerarmos os números das demais regiões entre 1975 e 1985, percebemos que o crescimento é contínuo, porém menos significativo. Constata-se que o Nordeste, Centro-Oeste e Norte apresentam respectivamente os seguintes efetivos aproximados: 80 milhões, 26 milhões e 17 milhões. A partir dos dados de 1990, é possível perceber acréscimos acima dos apresentados nos anos anteriores. O incremento quantitativo durante os anos que sucedem 1990 enfatizam a ideia de que houve a expansão geográfica da avicultura no território brasileiro desde então.

**Tabela 1** – Evolução do efetivo de galináceos (nº de cabeças) por macrorregião

Ano	Macrorregiões				
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
1975	11.953.301	61.858.835	129.905.485	92.113.270	16.036.253
1980	14.980.504	72.447.942	181.719.495	152.066.260	20.107.740
1985	17.434.830	80.267.041	165.064.434	181.208.526	26.113.168
1990	26.793.111	102.014.803	171.072.807	218.269.586	28.085.198
1995	35.358.178	112.199.505	210.586.436	327.869.197	43.517.983
2000	29.277.894	112.611.466	254.193.982	379.831.270	66.825.561
2005	27.475.284	124.702.116	291.167.123	455.136.559	100.560.152
2010	27.791.056	139.450.997	355.248.221	587.643.506	128.778.757
2015	49.296.645	158.295.760	363.529.986	604.032.746	151.297.558
2022	52.609.657	203.887.609	358.753.917	781.687.099	189.109.593

Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal, IBGE (2024).

Org.: Pessetti, M (2024).

A difusão da avicultura industrial para outras regiões do Brasil se constitui em um fenômeno geográfico que acompanha a expansão da fronteira agrícola, sobretudo na região Centro-Oeste. França e Fernandes Filho (2003) salientam que a referida região foi o grande alvo de investimentos do setor avícola durante a década de 1990. Na prática, os investimentos resultaram em um crescimento superior a 1000% do efetivo de cabeças se compararmos os dados de 1975 e 2022, uma

vez que se havia um montante aproximado de 16 milhões de cabeças em 1975, passando para 189 milhões em 2022.

Sobre a expansão geográfica das empresas do setor de aves no Centro-Oeste, especialmente em relação à Sadia, Santos e Silveira (2001, p. 158) reforçam que

Os benefícios fiscais para as empresas que se instalassem na Região Centro-Oeste datam dos anos 80 e, junto aos progressos da ciência e da tecnologia, erguem-se como pilares de ocupação dessas áreas periféricas do país. Em 1984, no marco dos programas da Sudam, a Sadia implanta novas unidades de esmagamento e produção de óleo de soja em Rondonópolis (MT) e Paranaguá (PR). Já em 1991 o grupo já havia instalada um abatedouro de aves em Várzea Grande (MT), uma fábrica de rações em Campo Grande (MS), cem granjas de frango e quatrocentos aviários em sistema de integração em Campos Verdes e Chapada dos Guimarães (MT) (Santos; Silveira, 2001, p. 158).

Em função de a região representar naquele momento a expressão da expansão da fronteira agrícola nacional, a mesma apresentava condições produtivas que potencializaram o setor de aves, sobretudo em matéria-prima para a elaboração de rações, ou seja, uma significativa produção de grãos (soja e milho). Neste contínuo incremento, os maiores saltos ocorreram entre os anos 1990 e nas primeiras décadas dos anos 2000. Atualmente, o Centro-Oeste ocupa a quarta posição em efetivos de galináceos no cenário nacional.

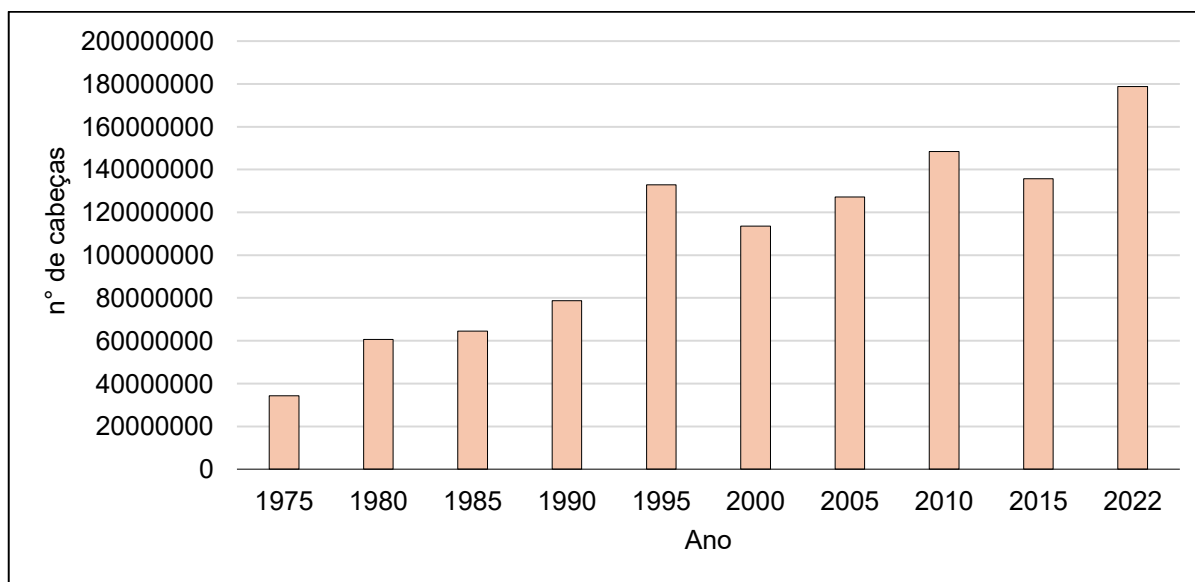
Outra região em que os números se mostram relevantes é o Nordeste, inclusive apresentando efetivos superiores aos do Centro-Oeste. Entre os anos de 1975 e 1985 os efetivos ultrapassaram ligeiramente as 80 milhões de cabeças. Assim como nas regiões tradicionalmente produtoras, o Nordeste manteve um incremento contínuo na década de 1990, porém em um ritmo inferior.

A década de 1990 marca a expansão da fronteira agrícola, especialmente no Centro-Oeste, fato que explica o lento crescimento da atividade em outros contextos regionais, a exemplo do Nordeste. O contrário acontece a partir dos anos 2000, onde a fronteira agrícola se difunde para o Norte e Nordeste. É possível, por meio da observação dos dados da Tabela 1, perceber que os maiores saltos em efetivos nas regiões supramencionadas aconteceram no século XXI.

Tratando-se do Nordeste, no início dos anos 2000 o seu efetivo regional era de aproximadamente 112 milhões de cabeças, apresentando atualmente 203 milhões (2022). O incremento no fortalecimento do setor nos estados nordestinos representa um crescimento de quase 100% em relação a 2000. Já no Norte, o montante em 2000 era de 29 milhões, passando para 52 milhões em 2022, o que significa um aumento aproximado de 79%.

Em sequência, atenta-se para a evolução do setor no Estado do Rio Grande do Sul. Assim, ao observar o Gráfico 3, identifica-se a evolução dos efetivos (nº de cabeças) no estado rio-grandense ao longo da escala temporal de análise desta pesquisa.

**Gráfico 3** – Evolução dos efetivos (nº de cabeças) de galináceos no Rio Grande do Sul, 1975 a 2022



Fonte: IBGE - SIDRA (2024).  
Org.: Pessetti, M (2024).

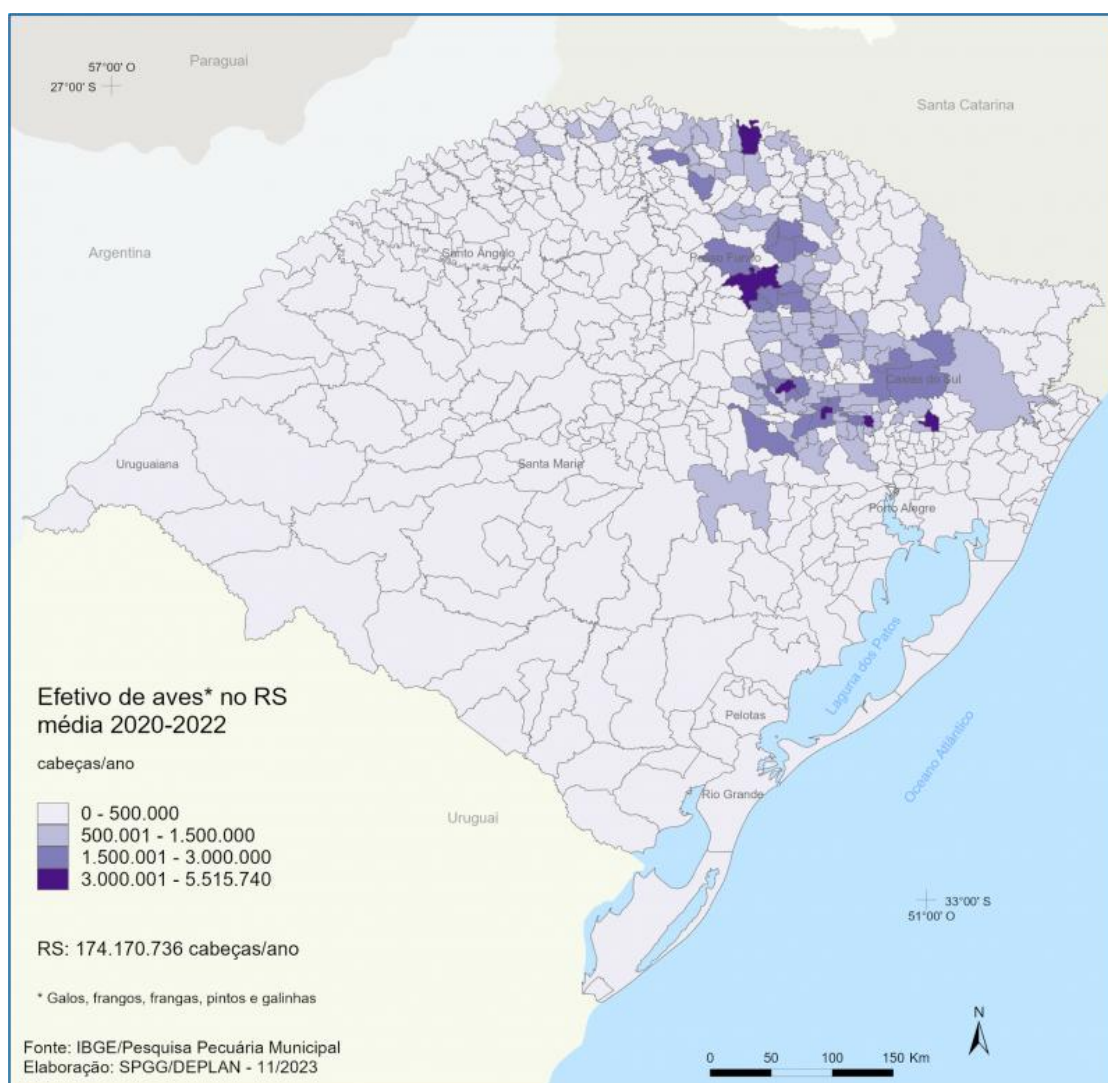
Os efetivos apresentados em 1995 representam em relação a 1975, ano de início da análise, um crescimento aproximado de 390% dos efetivos, demonstrando o fortalecimento e expansão do setor no estado. Tais números só foram superados em 2010, quando os criatórios estaduais tiveram um montante 11% acima dos números apresentados na metade da década de 1990.

O início dos anos 2000 representa o contínuo crescimento da produção nacional, porém com uma expansão geográfica, o que diminuiu a participação nos números da produção do Rio Grande do Sul. Outro fator importante que explica a retração dos criatórios na primeira década dos anos 2000, refere-se à maior preocupação com a gripe aviária. Segundo Fachinello e Ferreira Filho (2010), o estado rio-grandense foi considerado um dos focos da doença nos anos 2000, o que acabou por impactar nos criatórios, visto que houve uma diminuição das exportações oriundas do estado em questão, muito embora os números nacionais continuassem em ascensão.

Observando o Gráfico 3, é possível perceber a retração dos números apresentados entre 2000 e 2005, os quais apresentaram queda em relação a 1995, sendo respectivamente -15% e -5%. Entre 2010 e 2015, os números mantiveram-se com certa estabilidade, apresentando maior crescimento em 2022, quando os efetivos estaduais se aproximaram das 180 milhões de cabeças.

É importante destacar que os montantes apresentados não se encontram difundidos geograficamente por todo o território rio-grandense, pelo contrário, apresentam tendência de concentração regional, desde a década de 1970, quando a avicultura industrial é incorporada com maior força na economia gaúcha. De modo geral, identifica-se uma maior participação dos municípios localizados na metade norte do Rio Grande do Sul, especialmente àqueles posicionados próximos a centros regionais como Caxias do Sul e Passo Fundo (Figura 1).

**Figura 1** – Mapa dos efetivos de galináceos no Rio Grande do Sul, entre 2020 e 2022



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2023)

O desenvolvimento da avicultura tem relação direta com as pequenas e médias propriedades rurais, as quais encontram-se concentradas na metade norte do estado. Juntamente com outros circuitos produtivos como o milho, soja, suínos e pecuária leiteira, a avicultura congrega um sistema

agrário diversificado, que teve suas origens no processo de imigração e colonização europeia, especialmente com os imigrantes italianos. É mister mencionar que a avicultura, assim como os suínos, era desenvolvida de forma tradicional durante a ocupação das matas rio-grandenses, sendo voltada ao autoconsumo.

No Rio Grande do Sul, muitos são os grupos empresariais que têm atuação direta na avicultura. Porém, especialmente na porção norte e nordeste do estado, destaca-se a presença da JBS e BRF Foods. Com mais de 70 anos de atuação, a JBS é uma empresa fundada no estado de Goiás (GO) durante a década de 1950. No estado sulino está presente em mais de 20 municípios, a destacar: Caxias do Sul, Passo Fundo, Seberi, Nova Bassano, Montenegro, Três Passos, Bom Retiro do Sul, Trindade do Sul, Garibaldi, Santa Cruz do Sul, Roca Sales e Nova Santa Rita. A BRF Foods é a maior empresa do setor de aves e suínos do mundo, tendo uma atuação que se aproxima dos 90 anos e com articulações espaciais que encadeiam cerca de 120 países em distintos setores produtivos (BRF Foods, 2024). No Rio Grande do Sul destacam-se municípios como Marau, Lajeado, Serafina Corrêa, Ijuí, Três de Maio, Gaurama, Arroio do Meio e Ivoti.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto realizou uma breve reflexão sobre as transformações do setor agropecuário brasileiro e suas implicações na difusão da avicultura industrial. Destaca-se que o trabalho configura-se em parte do projeto de pesquisa que se encontra em desenvolvimento, o qual analisa o circuito espacial da avicultura no Rio Grande do Sul. Embora a pesquisa se encontre em construção, a partir do exposto e da análise dos dados secundários, é notório que o setor avícola brasileiro e rio-grandense teve suas transformações vinculadas inicialmente ao processo de modernização da agricultura e, na sequência, pelas políticas neoliberais e abertura da economia nacional nos anos 90.

Desta forma, é possível identificar duas temporalidades na evolução da avicultura industrial brasileira. A primeira refere-se ao início da aproximação entre a avicultura e a indústria, tendo como mediadora a modernização da agricultura. O referente período data da década de 1960, estendendo-se até o final dos anos 1980, caracterizando-se por uma produção em contínuo crescimento, pelo melhoramento genético e diminuição do tempo de engorda e abate, tendo uma produção voltada ao mercado interno. Já a segunda temporalidade, datada a partir dos anos 1990, caracteriza-se pelas políticas neoliberais em países em desenvolvimento, abertura de mercado e crescimento das exportações da carne de frango, fazendo do setor uma das principais pautas de exportação da economia globalizada até a atualidade.

O Rio Grande do Sul, além de ter sido um dos estados pioneiros no desenvolvimento do atual modelo de produção avícola, continua tendo na avicultura uma das principais pautas econômicas do setor agropecuário, impulsionando o crescimento econômico de diferentes municípios gaúchos. Especialmente falando, a presença da avicultura em sistema de integração está concentrada na metade norte do território, especialmente na porção nordeste, onde instalaram-se as primeiras unidades dos frigoríficos abatedouros da carne.

Cabe salientar que a consolidação da atividade econômica em debate dependeu de fatores produtivos e fundiários. Sobre os fatores produtivos, destaca-se a disponibilidade de matéria-prima para a elaboração das rações, como o milho e a soja. Já a estrutura fundiária, caracterizada pelo predomínio de pequenos e médios estabelecimentos, possibilitou a incorporação da avicultura como outra fonte para geração de renda e sustento aos agricultores.

## REFERÊNCIAS

ABPA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Dia Mundial do Frango**. 2022. Disponível em: <https://abpa-br.org/noticias/dia-mundial-do-frango/#:~:text=Em%202022%2C%20o%20consumo%20m%C3%A9dio,45%2C%20kg%20por%20habitante>. Acesso em dez. 2023.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão**. Porto Alegre: SPGG, 7. ed, 2023.

BELUSSO, D. **A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná**. 2011. 190 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011.

BELUSSO, D.; HESPANHOL, A. A evolução da avicultura industrial brasileira e seus efeitos territoriais. **Revista Percursos – NEMO**. Maringá, v. 2, n. 1, p. 25-51, 2010.

BRF FOODS. **Quem somos?**. Disponível em: [brf-global.com](http://brf-global.com). Acesso em: mar. 2024.

BRUM, J. A. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Ijuí: Vozes, 1988.

CORREIA, S. C. C. **A avicultura no espaço agrário do Agreste Paraibano: a reprodução ampliada do agronegócio e simples do campesinato**. Curitiba: CRV, 2020.

DE DAVID, C; CORRÊA, W. K. A política agrária e as transformações na agricultura brasileira - de 1960 até os dias atuais. **Geosul**, Florianópolis, v.17, n.33, p 23-43, jan./jun. 2002.

ESPÍNDOLA, C. J. **As agroindústrias de carnes do Sul do Brasil** (Tese de Doutorado em Geografia USP). São Paulo: USP, 2002.

FACHINELLO, A. L; FERREIRA FILHO, J. B. S. Gripe Aviária no Brasil: uma análise econômica de equilíbrio geral. **RESR**, Piracicaba, SP, vol. 48, nº 03, p. 539-566, jul./set. 2010.

FRANÇA, L. R.; FERNANDES FILHO, J. F. A evolução da avicultura de corte em Goiás. In: PEREIRA, S. L. **O agronegócio nas Terras de Goiás**. Uberlândia: EDUFU, 2003, pp. 175-211.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

KOZENIESKI, É. **A produção do espaço rural: transformações das dinâmicas produtivas e da agricultura na microrregião de Erechim**. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia), Porto Alegre, 2016.

MATOS, P. F; MARAFON, G. A modernização da agricultura no Brasil e os tramas do agronegócio. In: MARAFON, Gláucio José; CHELOTTI, Marcelo Cervo; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar (org). **Temas em Geografia Rural**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

MATOS, P. F; PESSÔA, V. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 22, p. 290-322, 2º semestre de 2011.

MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

MIZUSAKI, M. Y. Reestruturação produtiva de avicultura em Mato Grosso do Sul. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 135-154, jul./dez. 2007.

OLIVEIRA, A. U. A mundialização da agricultura brasileira. In: Colóquio Internacional de Geocrítica. **Anais**. Bogotá, 2012.

OLIVEIRA, A. U. Agricultura e indústria no Brasil. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 5, n. 10. ago, 2010. p. 5–64.

PESSETTI, M. **A reorganização do espaço agrário de Guaporé/RS: mudanças, permanências e perspectivas**. Dissertação de Mestrado (UFSM), Santa Maria, 2021.

RIZZI, A. T. **Mudanças Tecnológicas e Reestruturação da Indústria Agroalimentar: o caso da indústria de frangos no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1993.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. São Paulo: Record, 2001.

SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA DO IBGE. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br>. Acesso em fev. 2024.

SOUTO, T. S. **A pecuária leiteira na microrregião geográfica de Ituiutaba/MG: atuação dos sujeitos na cadeia produtiva do leite**. Tese de Doutorado (UFSM), Santa Maria, 2022.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. **Exportação e importação de frangos no mundo**. 2024. Disponível em:  
<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em fev. 2024.

VOILÁ, M; TRICHES, D. A cadeia de carne de frango: uma análise dos mercados brasileiro e mundial de 2002 a 2010. **IPES – Textos para discussão**. Caxias do Sul/RS. Janeiro de 2013, Texto nº 044.